

O papel da afetividade no cotidiano

Deonira L. Viganó La Rosa

Terapeuta de Casal e Família. Mestre em Psicologia.

O alimento afetivo é tão indispensável ao ser humano quanto o são o oxigênio que respira e a água e os nutrientes orgânicos que ingere. A primeira e fundamental função psíquica da família é *prover o alimento afetivo* necessário à sobrevivência emocional dos recém-nascidos. Esse alimento é também indispensável aos outros membros da família que necessitam prover-se reciprocamente através de mecanismos de interação afetiva. E esse entre os humanos expressa-se especialmente pelo cuidado, pela ternura, pela carícia.

Entretanto, a violência em que estamos mergulhados parece sinalizar que não estamos cumprindo esta função. Ainda exibimos grande entorpecimento em nossas relações com os outros. Padecemos de um analfabetismo afetivo que nos impede de encontrar chaves para melhorar nossa vida cotidiana. Basta lançar um olhar à família para dar-nos conta do montante de sofrimento que carregamos e constatar que aquela que deveria ser um ninho de amor se converte freqüentemente em um foco de violência. Ricos e pobres, iletrados e pós-graduados, todos acabam igualmente enredados em suas relações afetivas.

Dissociação entre cognição e afetividade

A cultura ocidental dissociou a cognição e a sensibilidade e converteu o mundo em uma máquina produtiva para a qual é pecado grave distrair-se nos encantos da sensibilidade e da ternura. Para ser bem sucedido é imperioso tornar-se insensível e assumir uma máscara estereotipada que não delate nossas emoções nem as nossas dúvidas. E se for um homem aquele que se atreve a falar e expressar afetividade aparece de imediato o fantasma da efeminação.

Frente a uma percepção mediada pelo tato, gosto ou olfato, o Ocidente sempre preferiu a vista e o ouvido, reforçando assim a separação entre a inteligência e a afetividade. A intromissão do gosto, do olfato e do tato é percebida como ameaçadora pelos pais e educadores. O tato, o mais humano dos sentidos, o único que se estende por todo o nosso corpo, não tem lugar garantido dentro dos esquemas pedagógicos: "Fique quieto, escute, olhe, *mas não toque*". Ao excluir o tato do processo pedagógico, nega-se a possibilidade de fomentar uma intimidade e uma aproximação afetiva com os outros.

Mas é bom saber que nem sempre foi assim na história dos povos e que, cada vez mais, esse modelo do Ocidente está sendo assaltado por propostas de saber integrado ao afetivo e aberto às singularidades.

Usuários de drogas e o medo da aproximação afetiva

Em relação aos *usuários de drogas*, pesquisadores afirmam que eles escondem um *grande temor à vivência da ternura* e demonstram *medo do contato íntimo*, o que os leva a buscar na exaltação sensorial das drogas a intensidade que não conseguem tirar do seu contato cotidiano com os outros. Em sua experiência, como diretor de um centro de tratamento para fármaco-dependentes, Luís Carlos Restrepo constatou que o momento mais perigoso para a "recaída" era justamente aquele em que aparecia uma aproximação afetiva. A aproximação íntima disparava a ansiedade de consumo do adicto, comportamento que acabava por destruir a relação afetiva que havia iniciado. Segundo o investigador, não é apressado afirmar que a dependência química é um fenômeno inversamente proporcional à capacidade de dar e receber ternura, de viver na intimidade e de construir laços amorosos e afetivos com os outros.

Interessante perguntar: Que vínculos afetivos não se fortaleceram, ou se romperam, na infância, adolescência e mesmo na idade adulta dessas pessoas?

A fuga da ternura e a guerra

Só fugindo da ternura um povo pode cair na armadilha da dureza e da guerra. *O guerreiro teme a sensibilidade* porque vê nela um dissolvente da firmeza de seu caráter e da solidez de sua identidade. A paranóica divisão do mundo entre "amigos" e "inimigos", entre "o eixo do bem" e "o eixo

do mal”, é uma evidente expressão do afastamento da ternura e da rigidez e dogmatismo conceituais. Só um grupo de megalômanos que se encerra na solidão e no delírio e que quer esmagar o mundo com seu êxito e com seu eu, pode trabalhar dia e noite para açambarcar em suas mãos dinheiro e prestígio.

Convém lembrar...

... O que nos resta, depois de muitos anos de formação na escola ou na universidade, de convivência na rua ou na família, não são tanto conselhos, argumentos e informações, mas *a lembrança do clima afetivo* e interpessoal que pudemos respirar. O que permanece gravado na nossa memória é o manejo autoritário e frio ou o calor da ternura e da carícia que as pessoas e instituições do entorno puseram em prática a nosso respeito.

... O que nunca esqueceremos dos outros é sua disposição corporal, o clima inter-humano que criaram ao nosso redor. As grandes decisões de nossa vida se alimentam do calor ou da amargura que conseguimos perceber nos climas afetivos que nos cercam desde a infância.

... Para os que estiveram próximos do Jesus histórico, um dos mais impressionantes sinais de sua grandeza estava na capacidade de aproximar-se dos enfermos, crianças e miseráveis, tocando-os, impondo-lhes as mãos, e *sentindo-os com suas vísceras*.